

ESPETÁCULO

U
R
B
A
N
O

teatro

e

poesias

de

José Manuel da Silva

(1987+1988)

Espetáculo Urbano

**teatro e poesias de
José Manuel da Silva**

(1987 + 1988)

Copyright

©

ÍNDICE

Prefácio	04
Você	05
A Dama-da-Noite	06
Pontos de Vista	12
Pedido	13
Boa Noite	14
Mais Uma Vez	32
Bar da Madrugada	33
O Fim	41

Copyright

PREFÁCIO

Uma peça para teatro talvez não deva se ater a um texto que será representado. Quando representado, talvez não deva se prender a tradicionalismos. Além disso, nada impede que no palco se mesquem dois ou mais tipos de literatura. Obviamente, já se pensou nisto antes.

O que foi escrito à frente é simplesmente uma tentativa de deixar registradas algumas impressões superficiais deste momento de nossa realidade, pois nada mais profundo do que a superficialidade das coisas. Na verdade, não sei bem por que escrevi esta, por assim chamar, “trilogia-com-intromissões-poéticas”; quando a reli, achei tolos e simplistas os assuntos abordados. Na terceira leitura, comecei a pensar neles. Finalmente, quando revisei toda a obra, questioneei a validade do todo e das partes. Talvez seja esta a proposta. Não sei.

A quem ler estas páginas, não sei por quê, diria somente – pense. Pelo que agradeço.

JMS

Copyright

VOCE

*(Para ser lida, sem o título, antes da peça “A Dama-da-Noite”.)
(O palco está às escuras.) (Voz de homem.)*

Cada árvore
tem a fruta que
merece.

Cada noite
tem a estrela que
aparece.

Cada dia
tem o sol que
dá calor.

E você
tem a definição
do amor.

Rio, 1987.

Copyright

A DAMA-DA-NOITE

INTRODUÇÃO

Nesta peça não há falas, só os pensamentos das personagens. Estes devem ser gravados antes e reproduzidos em cena, mas também é possível que sejam produzidos fora de cena por outros atores, simultaneamente com o trabalho no palco.

Quanto à iluminação e cenário, algumas coisas serão ditas no decorrer do texto, mas a criatividade do diretor deve ter a última palavra.

Como não há falas, os atores podem se concentrar mais na representação; e pelo mesmo motivo os movimentos e expressões dos atores devem ser precisos, de modo a dar colorido ao que é dito em paralelo. É importante lembrar que a ação acompanha o pensamento, e não o contrário; daí que a expressão dos atores tem de ser a consequência direta do que é dito fora de cena.

Não há música, uma vez que é tarde da noite; e além do mais, o silêncio faz parte do clima da peça. As personagens aproveitam o silêncio para digerir seus próprios pensamentos e assim também o público.

CENÁRIO

Uma rua deserta, tarde da noite. Pode ou não haver o cenário de uma rua, com casas vizinhas pintadas, muros ou seja lá o que for. Ou então a representação de estrelas e/ou da luz por meio de luzes ou pintura. Talvez um latido ocasional, ou um portão se fechando, ou um galo cantando, daria um ar mais “noturno” à cena.

Sobe a rua uma moça de uns vinte e poucos anos, atraente e de classe média. Procura a chave dentro da bolsa e entra em casa. É uma casa do tipo que tem um jardim logo atrás do portão, por onde terá de passar para chegar à porta da sala e então entrar na casa propriamente dita. Pode ou não haver o cenário do portão e do jardim. Um ladrão a espera em cima do muro, porém subentende-se que ela não o vê. O muro pode ser simplesmente uma escada de mão e o ator/ladrão pode estar agachado sobre ela; a iluminação aqui é importante: (1) um refletor pode acompanhar a moça até a casa e ficar sobre ela quando começar a pensar; (2) outro refletor fica parado sobre o ladrão. [O refletor sobre a moça é bem mais forte; o refletor sobre o ladrão é mais fraco, está quase apagado - só mostra o ladrão na penumbra.] É necessário o barulho da chave e do portão se abrindo.

Atrás do portão por onde entra a moça, há um arbusto com um galho e uma flor na ponta, entre folhas. É uma dama-da-noite e está especialmente perfumada hoje. [Uma ideia seria perfumar o ambiente do teatro com o aroma de dama-da-noite, enquanto durar esta peça.]

ACÇÃO

Por uma lateral do palco entra a moça, andando devagar, como se estivesse voltando, cansada, talvez muito levemente alcoolizada, de uma festa. Pode caminhar em zigue-zague para dar mais ênfase ao fato de estar na rua, e também para demorar um pouco a chegar ao outro lado do palco, onde estão o portão, o jardim e o ladrão (este já em cima do muro). Os sapatos dela devem fazer barulho, mas não demais: só o barulho de sapatos numa rua deserta à noite. O refletor a acompanha. Ela traz uma bolsa a tiracolo. Para na frente do portão, esmiuça a bolsa à procura da chave (barulhos aqui podem ser fora de cena, gravados, ou da própria bolsa), encontra a chave e abre o portão. Entra, fecha o portão, começa a caminhar (mais devagar ainda) e para ao encontrar a flor no arbusto. O principal é que ela iria direto para dentro de casa, mas o perfume a atraiu e ela parou para cheirar a flor mais de perto. Aí tudo começa. (Quando ela fecha o portão, recosta-se rapidamente nele, antes de começar a andar.)

O refletor sobre o ladrão está aceso desde que a moça entrou no palco. Quanto ao portão, não é necessário que exista realmente; a moça pode fingir o abrir e o fechar dele. Enquanto a moça caminha, o ladrão pode se mexer suavemente, como que procurando a posição ideal onde não será visto; isto também chamará a atenção da plateia para ele. Depois que a moça para no portão, o ladrão fica imóvel, podendo se mexer de tempos a tempos para chamar a atenção da plateia para sua presença.

Copyright

CENA

[Entra a moça. Refletores nela (mais forte) e no ladrão (mais fraco). O ladrão a avista e começa a se ajeitar.]

LADRÃO:

Isso gatinha. Pô! Demorou, hein!? Você nunca chega a essa hora... É... tá aproveitando, né? Papai e mamãe viajando... É isso aí.

[A moça para ao portão e vasculha a bolsa até encontrar a chave.]

LADRÃO:

Pô, qualé? Perdeu a chave, gatinha? Logo hoje? Não faz isso comigo. Não vai querer estragar a minha surpresa, né?

[A moça abre o portão, entra e fecha o portão.]

LADRÃO:

Ah, valeu! Isso. Agora entra, fecha o portão... Muito bem. Até que você é uma gracinha, hein!?... Quem sabe a gente não faz a nossa festinha depois que eu fizer o serviço, né? Não tem ninguém em casa mesmo!... Que isso?

[A moça se vira e, aparentando cansaço, encosta-se no portão por uns dez segundos.]

LADRÃO:

Tá cansada? A farra tava boa, né? Vamos, gatinha. Anda logo.

MOÇA:

Até que enfim! Subir essa rua cansa demais! Que medo! Um dia ainda vou ser assaltada. Gente, que cansaço! E tá escuro aqui. Que perigo!... Alguém podia pular o muro e ficar me tocando aqui dentro.

[A moça olha para cima e ao redor, mas não vê o ladrão.]

LADRÃO:

Ô gatinha. Não faz isso comigo. Não olha de novo, não. Você pode se machucar.

[A moça começa a andar para dentro da casa através do jardim.]

MOÇA:

Tá muito escuro aqui. Eu vou é dormir.

LADRÃO:

Isso. Anda. Só mais um pouco.

[O ladrão se prepara para saltar (como um felino, antes de dar o bote), mas fica como que paralisado quando a moça é atraída pelo perfume da dama-da-noite e para, de modo a cheirá-la de perto.]

LADRÃO:

Pô, que isso agora? Parou? Porra, vai logo, gatinha. Tô com pressa! *[Olha preocupado ao redor.]* Que quela tá fazendo? Não entendi. Não tô gostando disso.

MOÇA:

Que perfume gostoso. É da dama-da-noite. Puxa, hoje você tá perfumada mesmo, hein!? Deixa eu te cheirar mais de perto.

[A moça procura uma flor no galho mais baixo e puxa o galho de encontro ao rosto.]

MOÇA:

Que gostoso... Que flor branquinha que você é... Hummm... Que perfume gostoso...

LADRÃO:

Pô, gatinha: cheirar a planta a essa hora? Entra logo. Não me atrasa, pô! Não acredito nisso!...

[O ladrão se abaixa outra vez para não ser visto e fica observando a moça. Sons de carros passando esporadicamente, de buzinas, podem ser usados, o que fará com que o ladrão fique sobressaltado e se mexa nos dados momentos, mas de maneira nenhuma devem afetar a concentração da moça.]

MOÇA:

Engraçado, eu nunca tinha reparado em você. Será que é porque eu tô meio bêbada? Não. Só um pouquinho alta... Hummm... Que cheirinho!...

LADRÃO:

Não tô entendendo... A essa hora... Será que ela tá fingindo? Não, ela não me viu. Impossível...

MOÇA:

Olha, flor, eu tô meio alta. Mas eu tô consciente. Você sabe, não sabe? Será que você sente? Quer dizer, as coisas... Quando eu passo a mão em você... Quando eu falo com você...

[A moça acaricia a flor. Cheira de novo a flor.]

LADRÃO:

Pô, será que ela tá falando com a flor? Mas eu não tô escutando nada!...

[O ladrão passa a observar a moça mais atentamente. Procura chegar mais perto para certificar-se de que ela não está falando com a flor.]

MOÇA:

Flor, se você me entendesse... Você sente alguma coisa? Eu tô tão sozinha... Por isso é que às vezes eu bebo um pouco: é pra esquecer... *[Pausa.]* Eu acho... *[Pausa.]*

[A moça sorri, quando percebe que está conversando silenciosamente com nada mais que uma flor.]

MOÇA:

Isso é ridículo! Eu, a essa hora, parada aqui no escuro conversando com você. Se alguém me visse ia pensar que eu era maluca. Olha só!...

LADRÃO:

Que azar. Esperei tanto pra dar com uma 22 a essa hora da madrugada. O que que ela tá pensando?

MOÇA:

Mas dizem que Deus está nas flores... Besteira! Deus é... Sei lá. Será que é uma flor? Olha, flor, *[a moça abre os braços em atitude de oração ou adoração]* se você for Deus, me ajuda. Eu preciso, eu juro. As coisas estão dando meio erradas, você deve saber...

[A moça abaixa os braços lentamente, e depois pega a flor outra vez.]

MOÇA:

Será que tem alguma razão pra eu estar aqui falando com você a essa hora? É, as coisas têm um porquê. Sempre. Será? Você é tão cheirosa...

LADRÃO:

Cara!!! Ela tá falando mesmo com a flor! Nossa! Que mulher é essa? Parece uma bruxa. Não, não pode ser, ela é tão bonitinha...

[O ladrão se benze, por via das dúvidas, e presta ainda mais atenção.]

MOÇA:

Olha, flor, eu vou te pedir uma coisa: me ajuda. Você é a minha última esperança. Eu sei que tudo isso pode ser loucura, eu tô me sentindo ridícula, mas se você for Deus, ou mesmo se não for, me ajuda. Por favor.

[A moça beija a flor.]

LADRÃO:

Gatinha, não tô te entendendo... Anda logo. *[Pausa.]* Não. *[Pausa.]* Essa mulher é louca. Só pode ser... Ou então é bruxa. *[Pausa.]* Não. *[Pausa.]* Ou então é santa...

[O ladrão se benze outra vez e abaixa a cabeça em meia reverência. Mas logo a ergue de novo e volta a prestar atenção.]

MOÇA:

Por favor. Eu vou fazer uma promessa: hoje é a primeira noite; durante mais duas noites, quando eu chegar em casa, eu vou vir falar com você. Se você me entende, me ajuda. O seu perfume deve ter alguma vibração. Ou outra coisa qualquer. Não sei. Combinado? Seja lá quem você for, me ajuda, tá? *[Pausa.]* Ah, isso é loucura!...

[A moça sorri e abre os braços solenemente outra vez.]

MOÇA:

Eu prometo te prestar homenagem por mais duas noites quando voltar pra casa. Mesmo que tudo seja só uma ilusão. Ou uma bebedeira.

[Abaixa os braços e fica olhando a flor.]

LADRÃO:

Nossa, ela tá mesmo falando com a flor! Será que ela faz isso sempre? Eu mereço!

MOÇA:

Olha, agora eu vou dormir. *[Pausa.]* Engraçado, meu medo passou. Eu tô me sentindo tão bem... Tão leve... Obrigada, eu acho que foi o seu perfume. Ou será que foi porque eu falei com você? *[Segura a flor outra vez.]* Quem sabe? *[Cheira a flor e a beija em seguida.]* Amanhã eu volto. Não se esqueça de mim.

[A moça larga a flor e começa a andar, quase que imperceptivelmente titubeante a princípio, mas depois mais segura, em direção a casa. O refletor a acompanha diminuindo a intensidade da luz até que ela sai do palco e ele se apaga.]

LADRÃO:

Agora. *[Como que instintivamente, prepara-se para saltar, mas logo para.]* Não. *[Pausa.]* Que isso? *[Abaixa-se outra vez, vencido.]* Não posso. *[Pausa.]* Não posso. *[Pausa.]* Não posso assaltar uma pessoa que fala com uma flor. Não posso. *[Pausa.]* É... Acho que não posso... *[Pausa.]* Dancei nessa, mas não posso...

[O ladrão pula do muro para a rua, fica olhando a casa por alguns instantes, benze-se com a cabeça baixa e sai, descendo a rua de cabeça baixa, vagarosamente. Mais à frente para, olha a casa pela última vez, coloca as mãos nos bolsos, abaixa a cabeça e volta a descer a rua lentamente até desaparecer na lateral do palco, por onde entrou a moça. O refletor o acompanha e para no exato lugar por onde ele sai do palco. Aí fica mais forte por uns dez segundos - atinge o máximo de luminosidade: um clarão - e se apaga repentinamente, deixando o palco às escuras.]

Rio, 1987.

FIM

Copyright

PONTOS DE VISTA

*(Para ser lida, sem o título, após a peça “A Dama-da-Noite”.)
(O palco está às escuras.) (Voz de homem.)*

Enquanto penso na vida
você é quem pensa no amor
enquanto lido com a morte
você se esquece da dor
não é erro - não é erro
é só uma opinião diversa
é o engano - é o engano
é essa dúvida que não cessa.

Enquanto a chuva cai solta
você sorri à janela
enquanto o mundo se acaba
você esqueceu a panela
no fogo - no fogo
de um amor masoquista
é o vício - é o vício
de elaborar a conquista.

Se a vida é sem pé nem cabeça
você moraliza o castigo
se a morte é súbita e lenta
você se apega comigo
é teu corpo - é teu corpo
que extingue a filosofia
é a chaga - é a chaga
de querer ser saber e folia.

Depois que a noite se acaba
você se acorda sorrindo
depois que mais um dia se arrasta
eu sinto minha vida partindo
é a parte - é a parte
que falta no coração
é a metade - é a metade
que falta pra dizer não.

Rio, 1987.

PEDIDO

(Para ser lida, sem o título, antes da peça “Boa Noite”.)

(O palco está às escuras. Há um espaço de 30 segundos entre o final da leitura da poesia “Pontos de Vista” e a leitura desta. Durante a leitura desta poesia, o refletor sobre o primeiro casal acende-se quase que imperceptivelmente, formando uma supertênue silhueta do primeiro casal, já em cena.) (Voz de mulher.)

Me beija
Me aperta
Me chama de paixão
Me usa
Me esquece.
Mas não larga a minha mão.

Rio, 1987.

Copyright

BOA NOITE

INTRODUÇÃO

Esta peça tenta mostrar alguns detalhes da vida de três casais diferentes, escolhidos aleatoriamente na Cidade Maravilhosa, em algum momento no final dos anos 1970. Todos ficam no palco, ainda que só um dos casais esteja sendo focalizado, e só o casal em ação no momento ficará sob a luz de um refletor, os outros dois no escuro, como se não estivessem ali.

Quando houver a indicação no texto para que um outro casal entre em ação, o refletor sobre o que acabou de falar apagar-se-á instantaneamente e o refletor sobre o que vai falar acender-se-á *quase* no mesmo instante: o resultado deverá ser um único segundo de escuridão total - o objetivo sendo criar o impacto da transição de um casal para outro.

CENÁRIO

Quando o refletor focaliza o primeiro casal, todos já estão em seus lugares e assim permanecerão até o final. Os casais estão dispostos em forma triangular: um à esquerda do palco, um à direita, e outro no meio, ao fundo (ponto de vista da plateia). Quanto mais separados os casais, melhor.

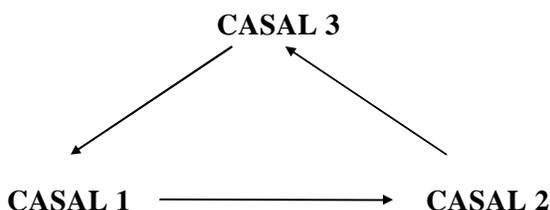
- **Primeiro casal:** Tanto ele quanto ela estão sentados em poltronas confortáveis, estão bem vestidos (ainda que em traje esporte) e há uma pequena mesa de centro entre eles, com um jarro de flores. Decoração e atmosfera têm um ar aristocrático e de bom gosto. Este casal ficará à esquerda do palco.

- **Segundo casal:** Estão ambos sentados num sofá de tamanho médio, trajando roupas leves e descontraídas. De um lado do sofá, no chão, há um daqueles vasos enormes com folhagens artificiais, compridas. Decoração e atmosfera possuem estilo jovem, meio desarrumado, meio recém-casados. Este casal ficará à direita do palco.

- **Terceiro casal:** Estão os dois à mesa da cozinha, sentados em cadeiras comuns, um defronte do outro. No centro da mesa há um pequeno vaso com uma rosa e uma margarida naturais. Decoração e atmosfera com ar de limpeza, esmero, arrumação caprichada e tudo meio brega. Este casal está no centro do palco, ao fundo.

DISPOSIÇÃO

A ordem das falas é sempre casal 1/casal 2/casal 3/casal 1, etc., ou seja, esquerda/direita/centro-fundo/esquerda e assim por diante; o movimento desejado é o de um ponto movendo-se em sentido anti-horário, em relação à plateia. Cf. diagrama abaixo.



palco

plateia

Primeira Passada**Primeiro Casal**

[Ela está lendo um livro e ele um jornal. Ambos sentados em poltronas confortáveis, na sala.]

ELE: É impressionante a falta de criatividade desse governo.

ELA: *[Sem se desligar do livro.]* Hum hum...

ELE: *[Como se não a ouvisse.]* Mais um aumento nos juros. *[Como se pensasse alto.]* E muda o sistema de arrecadação. Pela centésima vez. Impressionante.

ELA: *[Levantando os olhos.]* Ahn?...

ELE: Não, nada, são só as mudanças de hoje.

ELA: Ahh... *[Volta a ler o livro. Pausa. De repente, levanta a cabeça outra vez.]* E você falou com a Désirée?

ELE: *[Abaixa o jornal.]* Falei. Ela não quer vender agora. *[Larga o jornal sobre o colo. Apoia os cotovelos na poltrona e se inclina para um dos lados, olhando para ela.]* Só quando o marido voltar. Eu disse que você ficou apaixonada pelo quadro, mas ela foi taxativa: só quando ele voltar. Mas eu acho que ela vende.

ELA: Puxa, eu quero aquele quadro. É lindo. Tem um ar assim de solidão de montanha. Adoro o Naturalismo. Ah, e mudando de assunto, o Vinicinho hoje voltou da escola falando de uma excursão não sei aonde; eu não sei, se você deixar... Depois você fala com ele; você sabe, ele se abre mais com você.

ELE: Amanhã eu falo. Acho que não tem problema.

ELA: *[Fecha o livro e o deixa sobre o colo. Cruza a perna e, enquanto fala, gesticula, olhando para todos os pontos da sala.]* Hã! Veja só. Hoje apareceu uma gringa na loja *[sorrindo]* procurando uma mesa de telefone, frisando bem que era *[sotaque americano]* “para telefone”, *[gesticula imitando o tamanho]* e que tinha que ser do Século XV. Quase que eu informei à dama que no Século XV não havia telefone...

ELE: *[Está com o queixo apoiado numa das mãos, olhando para ela, e suspende o queixo ligeiramente para lhe falar.]* Ora, isso é o de menos... É modo de falar...

ELA: Pode ser. Mas não combina. *[Faz gestos opostos com os polegares.]* Século XV e telefone. Será que essa gente não tem sensibilidade? Só dinheiro?

ELE: *[Muda o apoio do queixo para o outro lado.]* Para certas pessoas, o dinheiro compra a sensibilidade. Quer dizer, elas *acham* que compra...

ELA: É, acham. *[Pausa.]* E então? Vendeu a fazenda do coronel?

ELE: Ainda não. Vou esperar as novas da bolsa amanhã. Nesse país a gente não sabe mais o que vai acontecer no dia seguinte. *[Boceja e pega o jornal outra vez.]* Estou cansado.

ELA: *[Boceja e pega o livro.]* Eu também. Preciso arranjar uma outra secretária. Uma só já não está dando conta.

ELE: *[Já meio absorvido pelo jornal.]* Eu te arrumo uma.

ELA: *[Já meio absorvida pelo livro.]* Tá. Explica o serviço...

ELE: Thã! Outro aumento nas custas – o fórum perdeu o juízo.

ELA: *[Desinteressada.]* Hã hã...

Segundo Casal

[Estão ambos no sofá; ela com os pés no sofá, pernas em 90°, um joelho tocando o encosto, o outro o assento; ele sentado de lado, um pé no chão, a outra perna no sofá. Estão de frente um para o outro. Ela está escrevendo sobre uma prancheta, que repousa em sua perna mais elevada. Ele toca violão e faz anotações esporádicas num caderno sobre o sofá.]

ELE: Diabo de pianista! Agora ele cismou que quer acordes redondos. No mesmo lugar onde quis os dissonantes na semana passada. Incompetente.

ELA: *[Para de escrever. Olha para ele.]* Problema de novo?

ELE: Não. *[Ainda fazendo anotações.]* Só que muda o repertório também. Vamos ver agora. *[Toca uns três acordes.]*

ELA: Bom, eu acho que tá ótimo. *[Sorri.]* Mas eu não entendo.

ELE: *[Sorri também. Para de anotar. Olha para ela.]* Já acabou o artigo?

ELA: *[Olha a prancheta e volta a olhar para ele. Suspira.]* Não. Tô meio sem inspiração. Meio desmotivada. Aquele jornal tá cada dia mais repetitivo. Sem contar que resolveram assumir o governador, agora. Que demagogia!

ELE: Liga não. Faz o teu trabalho. *[Toca algo de improviso.]*

ELA: Eu faço, mas é uma merda. Enfim, *[a postos para voltar a escrever]* é Brasil. Hum,... “Depois da entrevista, o Superintendente...” *[Ele já voltou ao trabalho.]*

ELE: *[Interrompe, alheio ao que ela diz.]* Porra, ainda não tá bom.

ELA: *[Larga outra vez o que está escrevendo e olha para ele.]* Calma, bem.

ELE: Eu tô calmo, só tô é puto... *[Para de tocar; põe o violão ao lado do sofá.]* É,... é melhor parar um pouco. *[Pausa.]* Ô profissãoozinha ingrata!...

ELA: Todas são. A tua não é melhor nem pior. Mas a gente batalha. Vê só: tô tentando um aumento há dois meses e tudo que eu ganhei até hoje foi uma cantada do redator. *[Faz um gesto desolado.]* Não dá.

ELE: *[Recosta a cabeça no sofá.]* Você vai conseguir. *[Sorri.]* Por que não aceitou a cantada? Era mais rápido.

ELA: *[Fingidamente ofendida.]* Prefiro que você me cante. *[Olha para o teto, com desdém.]* Além do mais, ele poderia voltar atrás. Depois.

ELE: Então tá. *[Ambos sorriem.]* Mas se depender de hoje, não vai dar. Tô pregado. E ainda tenho que acabar esse arranjo. *[Pega o violão outra vez.]*

ELA: Eu também tô arrasada. Bom, vamos continuar. *[Pega a prancheta outra vez.]*

ELE: *[Já meio alheio.]* Hum,... dó com sétima. *[Toca o acorde.]* Não serve. Quem sabe sem a sétima...

ELA: *[Já escrevendo.]* Vai tentando daí, que eu tento daqui. Atenção capitalistas, aí vou eu!

ELE: *[Tocando.]* Vai manso.

ELA: *[Concentrada.]* Vou...

Terceiro Casal

[Ela já está à mesa, comendo. Os movimentos podem ser fingidos, sem pratos, talheres e comida. Quando as luzes se acendem, ele está voltando para a mesa com o saleiro.]

ELE: Toma. *[Senta-se.]*

ELA: Ah, obrigada. *[Apanha o saleiro e coloca sal na comida.]* Acho que tô desaprendendo de cozinhar. Começa assim: esqueço o sal hoje...

ELE: Que isso!... *[Pausa.]* Pô, que dia! *[Começa a comer com voracidade.]*

ELA: Come devagar, paixão.

ELE: Tô com fome. Cê não sabe o que é uma fábrica. *[Sempre falando de boca cheia e fazendo barulho ao mastigar e engolir.]*

ELA: De boca cheia então é melhor ainda.

ELE: Amor, *[engole]* eu tô morrendo de fome e de cansaço. Dá um tempo.

ELA: Tô brincando. Pelo menos é sinal que a comida tá boa, né?

ELE: Ótima. *[Pausa.]* E o dinheiro deu?

ELA: Deu, mas amanhã preciso mais.

ELE: *[Levanta os olhos.]* Pra quê? *[Os dois param de comer.]*

ELA: Tenho que comprar o presente da Lúcia. Vai ter uma festa surpresa. *[Volta a comer.]*

ELE: *[Volta a comer também.]* Quem vai? Só mulher?

ELA: Não, quer dizer, não sei, acho que sim. Sei lá. Eu, Soninha, Lúcia, é claro, Deise, o namorado, ele não trabalha, o resto é amiga dela.

ELE: Hum. Que horas é?

ELA: De tarde. Você trabalha, né? Se não, você ia. Ela mandou te convidar. Liga pra ela amanhã.

ELE: *[Imperceptivelmente irritado.]* É, eu ligo. Se eu lembrar. Cês vive fazendo festa. Vida boa. E eu aturando peão o dia inteiro.

ELA: Não exagera, vai. *[Afasta o prato e olha para ele, o queixo apoiado na mão.]*

ELE: *[Também acaba de comer e empurra o prato.]* Nossa, tô cansado. Acho que não vai dar nem pra ver o filme...

ELA: *[Levantando-se, com os pratos na mão para lavar.]* É, eu também. A gente dorme mais cedo...

Copyright

Segunda Passada

[As luzes se acendem, encontrando os casais quase nas mesmas posições de quando se apagaram. Ligeiramente diferentes, porém, para dar ideia de tempo decorrido.]

Primeiro Casal

ELE: *[Abaixa o jornal e se espreguiça.]* Ah... Amanhã acho que vou ter que voltar a São Paulo pra ver aquele carro.

ELA: *[Abaixa o livro e também se espreguiça.]* Qual? O Mercedes ou o Buick?

ELE: O Buick. Só que o dono quer um valor muito alto...

ELA: Mas se você quer... Você ainda não tem um Buick, tem?

ELE: Não.

ELA: Então. *[Ele faz um sinal de assentimento. Pausa. Olham-se por um instante. Ele abaixa a cabeça.]* Você já fez as pazes com o Cláudio?

ELE: Não sei, acho que já. Ele é muito teimoso...

ELA: Ora, vocês são amigos há tanto tempo... Não fica bem este tipo de desentendimento. E por uma razão tão boba...

ELE: Essa questão de razão boba ou não boba é muito relativa. *[Um tanto irritado ao lembrar-se da discussão com o amigo.]*

ELA: Tem razão, mas a gente tem que saber perdoar. E você tem de convir que se fosse algo envolvendo um assunto mais delicado, que trouxesse consequências desagradáveis, mas não: pura questão de orgulho, afirmação, sei lá...

ELE: Continuo achando que é relativo, mas acho que já está resolvido; agora é só uma questão de tempo.

ELA: E além do mais é seu amigo. Se você gosta mesmo dele, não importa muito o que ele faça...

ELE: Não, espera aí! Ser amigo é uma coisa; ser otário é outra. Olha, vamos mudar de assunto. Isso não vai levar a muita coisa.

ELA: Como você quiser, mas eu tenho certeza de que ele não quis te fazer de otário. *[Pausa.]*

ELE: *[Mudando abruptamente de assunto.]* E o teu curso?

ELA: Recomeça na quinta-feira. *[Excitada com o assunto.]* Mal posso esperar. Agora que eu estou aprendendo a conhecer melhor as escolas, é cada vez mais interessante... E o meu professor deste semestre é muito bom. Todos falam bem dele. *[Muda de posição.]* Estou ansiosa.

ELE: *[Sorri.]* Se você fosse mais nova, ficaria com medo de que se apaixonasse pelo seu novo professor.

ELA: *[Começa realmente séria e vai se soltando.]* Isso não aconteceria porque sou casada. E além disso, você conhece de sobra meus princípios. Ou não? E sobre ser mais nova... *[Pausa. Começa a sorrir.]* Não é bem essa a impressão que tenho quando ando pela rua. *[Irônica e instigadora.]* Aliás, essa questão é muito relativa...

ELE: Está bem, “gatinha”. *[Frisa a palavra como um adolescente.]* Você continua bonita. E eu não estou desconfiando de você...

ELA: É, espero que não. Não ficaria bem na *sua* idade. *[Sorriem e retornam à leitura.]*

Segundo Casal

ELA: *[Coloca a prancheta sobre o sofá e se espreguiça.]* Ahhh. Estou com fome. Acho que vou fazer um sanduíche. Quer um?

ELE: *[Põe o violão ao lado do sofá.]* Quero. Com mate e bastante açúcar. *[Em tempo.]* Por favor.

ELA: *[Sorri. Pausa.]* Que artigo chato. E demorado.

ELE: É, eu também não tô progredindo muito hoje, não. Acho que é a noite, sei lá.

ELA: Pode ser. Que lua é essa? *[Ele acena que não sabe.]* Acho que é cheia. Por isso que a gente fica meio elétrico.

ELE: É, deve ser. *[Pausa.]* Pô... às vezes eu dava tudo pra não trabalhar... só tocar... fazer uns cursos... Eu tô sentindo falta de aprender alguma coisa...

ELA: É, é bom a gente se reciclar de vez em quando. Mas não dá tempo – o trabalho come tudo que é tempo de sobra. *[Pausa.]* É o capitalismo, filho.

ELE: Ah, eu acho que isso não é desculpa. *[Pausa.]* A gente também é meio preguiçoso. *[Pausa.]* Sei lá. É, tem que trabalhar, mas e o lazer? O homem tem que relaxar; não é só o trabalho que vale. Mas isso é muito complicado.

ELA: Não acho, não. Acho até simples demais: os grandes empresários ganham tudo e a gente se fode trabalhando. *[Faz o gesto.]* A essa hora, eles devem estar todos se divertindo pacas. E a gente aqui, fora do horário de serviço, trabalhando pra eles. Sem receber!

ELE: É, mas eles têm preocupações também, não é assim...

ELA: Têm, sim. Como ganhar mais, pagando menos.

ELE: Sei lá. É muito complicado. Tem toda uma estrutura formada por trás disso. É difícil mudar...

ELA: Que nada, filho, a gente tem é que ir à luta, brigar, lutar, tentar mudar. *[Fica mais ereta no sofá. Gesticula.]* Vê a Rússia? Vê Cuba? Tomaram na marra...

ELE: Cê tem razão. Amanhã vou quebrar meu violão no piano do patrão. *[Sorri. Ela também, mas com um gesto de quem desiste da discussão.]* Olha aí: isso dá música.

ELA: Você é uma figura. Por isso é que a gente não evolui nesse país. *[Pausa.]* É, o De Gaule tinha razão. Não é um país sério...

ELE: Olha!... O Lúcio já te disse que a história não foi bem essa. Isso foi deturpado...

ELA: É, mas toda brincadeira tem um fundo de verdade...

ELE: Olha, que tal aquele sanduíche agora?

ELA: *[Levantando. Sorri e faz como se estivesse revoltada.]* Tá vendo? Isso é exploração capitalista. Você fica aí sentado e eu vou pra cozinha. É a dupla jornada de trabalho. *[Afasta-se.]* Assim não dá...

ELE: *[Rindo alto.]* Olha, o mate é com bastante açúcar!...

Terceiro Casal

[Estão comendo a sobremesa. Ela um doce, ele uma banana. Depois repetem.]

ELA: Já te contei da Márcia? Voltou com o Paulo. Não é um barato?

ELE: Hum! Um corno manso. A mulher sai de casa, dá pra outro, não gosta, diz que quer voltar e o babaca aceita.

ELA: Ah, amor, que nada. Ele gosta dela. E ela gosta dele.

ELE: Ela gosta eu sei de quê! E ele, se gosta de alguma coisa é de chifre.

ELA: Vocês são todos iguais. Homem é tudo igual. Não sabe o que tem dentro do coração, não vê a beleza do amor...

ELE: Bobagem. Quer dizer, tá, existe o amor, e tudo; mas isso aí pra mim é chifre. Não pode abrir muito, não, que aí vira bagunça.

ELA: É, aí eu concordo, mas com a Márcia e o Paulo, foi só uma coisa passageira. Quem ficou contente foi a mãe dela.

ELE: Claro! Não vai ter que pagar mais a despesa dela, agora.

ELA: Ôh, amor, que pensamento mais...

ELE: *[Interrompendo.]* Ah, deixa pra lá. Não quero ficar discutindo os problema dos outro na minha casa, não. Eles que se entendam.

ELA: *[Pausa.]* Cê quer mais alguma coisa?

ELE: Não, só um copo d'água. *[Ela vai se levantar, mas ele a interrompe.]* Não. Depois. Deixa descer um pouco a comida.

ELA: *[Senta-se outra vez.]* Ah, tá. *[Pausa. Os dois se olham. Ela vê um cravo no rosto dele e se inclina por sobre a mesa.]* Olha só que cravão! Deixa eu tirar. Fica quieto. Tá doendo?

ELE: Não. *[Prende a dor.]*

ELA: Então pra que a careta?

ELE: Não tô fazendo careta...

ELA: Pronto. Que grande! *[Olha o cravo ainda preso na unha e ainda inclinada sobre a mesa.]*

ELE: *[Abraça-a violentamente e começa a boliná-la.]* Quer dizer que cê gosta de coisa grande, né?

ELA: *[Afasta-se dele e se senta outra vez. Ri forçadamente.]* Ai, amor. Assim você me amassa toda. E depois da comida... Que garoto levado! *[Levanta-se, alegre.]* Vou pegar a água. Com gelo? *[Vai saindo.]*

ELE: É. *[Olha-a com desejo. Pausa.]* Cê inda tá menstruada?

Copyright

Terceira Passada
Primeiro Casal

[Ainda estão sentados, lendo.]

ELE: *[Lendo um artigo no jornal.]* Hã. Era só o que faltava...

ELA: *[Abaixa o livro.]* O quê?

ELE: Lembra do caso *[abaixa o jornal]* daquela estudante...

ELA: Em frente ao colégio do Vinicinho?

ELE: Isso. Lembra? Primeiro falaram em cocaína; depois era o namorado; agora estão dizendo que ela pertencia a uma seita não sei de quê...

ELA: Isso não é novidade. Quando a polícia não consegue achar um culpado, começa a inventar histórias diferentes para tentar convencer o público de que estão tentando fazer alguma coisa.

ELE: É verdade. *[Pausa. Apanha o jornal, lê um pequeno trecho, abaixa-o outra vez.]* Mas que muitas destas novas seitas têm um certo mistério, lá isso têm.

ELA: Realmente. *[Fecha o livro com o marcador.]* Mas eu acho que estas seitas pequenas não apresentam grande problema nestes termos; quer dizer, são religiões muitas vezes desvinculadas das grandes verdades de Jesus Cristo, mas não duram muito tempo.

ELE: Não? E a macumba? E os Hare Krishna? E o Reverendo Mum, Mumba... sei lá o quê? E essa onda evangélica: Bispo Macedo, os americanos, Nova Isso, Cristo é Aquilo?

ELA: Ah, isso são exceções, e são muito poucas. A única que prevalece mesmo é a religião católica... A primeira e...

ELE: *[Interrompendo.]* Acho que no fundo são todas iguais...

ELA: *[Sorri quase imperceptivelmente, faz menção de apanhar o livro, como quem acha a discussão improdutiva, mas larga-o de novo.]* Você não sabe o que está dizendo. *[Pausa.]* Essas religiões não são iguais em nada! Pregam coisas diferentes...

ELE: Não se zangue, *[conciliador]* é só o meu ponto de vista. Você sabe que eu respeito...

ELA: *[Interrompendo.]* Sei, sei. *[Meio impaciente.]* Mas é que é preciso ficar clara para as pessoas a diferença entre uma religião pagã e a grande religião da Verdade. São radicalmente opostas.

ELE: É, mas todas têm um deus...

ELA: O *seu* deus específico, que é, diga-se de passagem, bem diferente do único Deus verdadeiro que existe! Isso é que é importante.

ELE: *[Pega o jornal e o vai abrindo.]* Esse é um assunto muito subjetivo, não vale a pena insistir.

ELA: Claro que vale! *[Pregadora. Chega-se à beira da poltrona. Gesticula.]* Aliás, eu não consigo entender como você pode ser tão cético quanto a religião.

ELE: *[Abaixa o jornal e muda um pouco de posição.]* Meu bem, cresci em um outro ambiente. Não havia muito tempo para religião.

ELA: Mas já era tempo de você mudar isso. Você já está em idade de se preocupar com estas coisas. Afinal, elas existem. Está mais do que provado...

ELE: Provado...

ELA: Provado, sim! Quantos pintores famosos têm se inspirado na existência divina! Quantos músicos dedicaram suas maiores obras a Ele! Você é culto, conhece Bach, Liszt, Vivaldi, e por aí vai. Pelo que deixaram... só podem ter tido uma inspiração divina. Quanta gente perdeu a vida pela religião...

ELE: *[Interrompendo, mas calmo.]* Excessos, fanatismo. *[Ainda se mantém calmo, mas gesticula.]*

ELA: Certo, há excessos. *[Recosta-se outra vez.]* Mas a ideia é antiga, e é louvável, é divina. Há fanatismo, mas é o modo como as pessoas veem as coisas diferentemente.

ELE: Bem diferentemente, aliás. O Vaticano é uma potência econômica das maiores...

ELA: *[Olha para cima, impaciente e o interrompe.]* Lá vem você relacionando a religião com a Economia. A religião também precisa de verbas.

ELE: *[Chega-se para a ponta da poltrona.]* Para se manter, ou para satisfazer o ego de alguns padres obesos e ambiciosos e mulheres frustradas e frígidas?

ELA: Isso são estereótipos...

ELE: Estereótipos? *[Defendendo seu ponto de vista. Calorosamente, sem estar exaltado.]* Comprando tudo que é cinema na cidade e fazendo apresentações milionárias no Maracanã? E o não sei quem lá nos Estados Unidos que foi processado por pornografia, chorou, pediu desculpas e nada aconteceu? Isso é um fato palpável ou um estereótipo?

ELA: Você está falando de outra religião e nós não sabemos ao certo as razões que levaram a toda essa propaganda... E isso já faz algum tempo...

ELE: Mas continua acontecendo. E sendo abafado. Mas podemos supor as razões: ambição, deturpação, perversão...

ELA: *[Chega-se à beira da poltrona novamente.]* É incrível como você cita exemplos mundanos para contestar uma coisa divina! *[Gesticula.]* Abstraia, por favor! Deus existe, está aqui conosco, isso é inegável, fanatismo ou não fanatismo, corrupção ou não corrupção...

ELE: *[Interrompe.]* Ah, então você admite a corrupção!...

ELA: Claro que admito, mas ela não invalida toda uma verdade religiosa.

ELE: Não invalida mas a coloca em xeque. *[Gesticula.]* E você parte do princípio da existência de algo que você não pode provar que existe...

ELA: *[Interrompe.]* Claro que po...

ELE: *[Interrompe também.]* Deixa eu completar. *[Ela se recosta.]* Que existe e que está nas mãos de pessoas inescrupulosas. Eu não acredito. Prefiro ser ateu, a entregar minha fé nas mãos desse tipo de pessoas. Não vou ficar alimentando uma hipocrisia sem fim, sustentada por *pecadores* que se *arrependem* no fim de semana, ou que *pagam* pecados arrecadando dinheiro *para os pobres!* Ou que vão ao Maracanã para uma *maratona de orações...* Ora... *[Recosta-se.]*

ELA: E todo o trabalho social, assistencial, de recuperação de pessoas?...

ELE: Em primeiro lugar, eles precisam justificar a existência e arrecadação de tanto dinheiro, não é? Em segundo lugar, vá lá, existem obras sociais sérias, mas será que estão à altura do que se prega, arrecada, promete e ameaça? São rios de dinheiro...

ELA: *[Pega o livro.]* Você não muda. E, se me permite, não tem muita salvação. É triste, mas o meu trabalho tem sido em vão...

ELE: *[Calmo, a despeito das palavras.]* Que eu vá para o inferno, então... *[Pega o jornal.]*

ELA: *[Já lendo, despeitada.]* Mas não me leve junto, por favor.

[Neste ponto, ele abaixa o jornal, olha para ela, como se fosse contestar, mas volta a ler. Ela continua lendo sem interrupção, mas provavelmente sentiu que ele a olhava.]

Segundo Casal

[Ela volta com dois sanduíches e dois copos de mate. Ele tira o sanduíche dele e pega um copo. Ela senta com seu sanduíche e seu copo. Começam a comer e a beber, sem falar. Ela coloca no chão o prato onde trouxe os sanduíches e divide seu sanduíche em dois; começa a comer um pedaço e põe outro no prato.]

ELE: *[De boca cheia.]* Hum, tá bom...

ELA: *[Também de boca cheia.]* É. Mas não ficou bem quente.

ELE: Ah, tá bom. A gente jantou. *[Os dois vão comendo, bebendo e falando.]*

ELA: É, é só pra enganar o estômago dos explorados pelo capitalismo...

ELE: *[Sorrindo.]* Pô, para de falar no capitalismo!

ELA: Não posso. Me explora demais.

ELE: Poxa, mas você acorda falando nele, come falando nele, dorme falando nele. *[Sorri.]* Só falta... *[engole o último pedaço e bebe o último gole]* só falta gozar falando nele!...

ELA: *[Olha para ele.]* Olha o nível. *[Come o último pedaço da sua metade e bebe um gole do mate.]*

ELE: Desculpa. Mas você exagera. *[Recosta-se no sofá.]*

ELA: Meu amor, *[pousa o copo no chão]* eu não exagero: é a pura verdade. A gente é explorado.

ELE: Eu sei. Você sabe. Todo mundo sabe... *[Ainda com o copo na mão.]*

ELA: *[Interrompendo.]* E não faz nada!

ELE: *[Pousa o copo no chão e se recosta outra vez.]* O quê, por exemplo? Uma revolução? Greve de fome? Andar nu na rua em protesto? Ah, tenha paciência.

ELA: Você é radical.

ELE: Eu? Radical? *Você é radical.*

ELA: Quem falou em revolução foi você. Cara, o negócio é conscientizar o povo, mostrar a realidade das coisas, esclarecer.

ELE: O povão da favela, também?

ELA: Também e principalmente.

ELE: Tá, mas primeiro dá comida pra eles conseguirem te escutar e educação pra eles conseguirem te entender.

ELA: Típico brizolista. Demagogo. *[Fica mais ereta. Gesticula.]* Trabalho de base desse tipo já era. Tem que passar direto à fase de conscientização.

ELE: Típica petista. Esquerda festiva. *[Ainda recostado. Lambendo as palavras. Isto a irrita.]*

ELA: Olha só! *[Aponta para ele.]* O intelectual descansa e analisa o mundo. Enquanto as pessoas se fodem pra ganhar a vida.

ELE: *[Fecha os olhos. Pausa.]* Cê tá nervosa...

ELA: Não. Só tô é puta. Porra, como é que você consegue ser tão passivo e alienado?

ELE: *[Abre os olhos, levanta os braços.]* Não sou passivo, só que não tenho força, nem tesão de sair na rua fazendo a cabeça das pessoas. E não sou alienado, pô. O que é que você quer que eu faça? *[Abaixa os braços em rendição.]*

ELA: Pô, cara, então não critica quem tenta fazer alguma coisa.

ELE: *[Fica ereto, gesticula. Impaciente.]* E você faz alguma coisa? Você é que é a intelectualóide que fala, discute, analisa e não faz nada! Não tô criticando, não. Dou a maior força. Agora, você tem que respeitar quem prefere ver a caravana passar, e só. Respeitar também é sinal de maturidade política, ou não é?

ELA: Maturidade passiva, *[recosta-se]* isso sim. É por causa dessa passividade que as coisas estão indo pro poço há muito tempo. Aí resolvem chamar de respeito às opiniões...

ELE: *[Recosta-se também.]* Ainda exijo ser respeitado. É um direito meu.

ELA: Perfeitamente. Mas depois não reclama quando o pianista te encher o saco.

ELE: E você não reclama quando o teu chefe te der uma cantada em vez do aumento. Levanta e dá uma porrada ideológica nele!

ELA: Radical...

ELE: Então, pra não ser radical, *[gesticula]* sai com ele e conscientiza ele, no motel, que é melhor - e ele paga -, que ele é um machista babaca e que você não quer dar pra ele. Só quer um aumentozinho. Esclarece o rapaz...

ELA: Não precisa ironizar, pô. Não baixa o nível da conversa. E não vem com esse papo de machismo babaca, não, que você não fica muito atrás, não. É só fachada.

ELE: E você não vem com esse papo de defensora dos pobres e oprimidos, que você também é bem burguesazinha.

ELA: Pode ser, mas *eu* tento mudar.

ELE: É; sentada e comendo misto quente. *[Pega o violão.]*

ELA: *[Pega a outra metade do sanduíche.]* Melhor do que tocar violão pras moscas. *[Morde o sanduíche.]* Pô, esfriou. *[Coloca o sanduíche de volta ao prato, com cara de nojo, e pega a prancheta.]*

ELE: Ué?, você não é tão povão? Come frio, que nem o favelado.

ELA: Tsch! Não enche o saco.

Terceiro Casal

[Ela volta com dois copos d'água. Entrega um na mão dele, que o bebe de um só gole, senta-se e bebe vagorosamente.]

ELA: *[Apoia os cotovelos na mesa e neles apoia o queixo, olhando para ele.]* Amor, cê já pensou de novo naquilo que a gente conversou noutro dia?

ELE: *[Desliza na cadeira, estica as pernas por debaixo da mesa e se recosta, cruzando as mãos sobre a barriga.]* O quê?

ELA: Amor! Já esqueceu? *[Faz voz e cara de entediada.]* Poxa, você nem liga pro queu falo, né? *[Volta a olhar para ele.]* O nosso filho, amor.

ELE: A gente já discutiu isso. Ano que vem é melhor. A gente vai ter muita despesa este ano, ainda. Tem o Natal, tem o teu aniversário, tem as boda do teus pais...

ELA: Pois é... Eu queria fazer uma surpresa pra eles na festa. Minha irmã já tem um neném e eu não tenho ainda. A mamãe fica cobrando, sabe como é, né?

ELE: *[Sorri, com desdém.]* Tô muito preocupado com a tua mãe.

ELA: Amor, não fala assim! É minha mãe...

ELE: Mas não tem que ficar se intrometendo na nossa vida sexual, pô. Tá pensando o quê?

ELA: *[Recosta-se na cadeira. Cruza os braços.]* Ela não tá se intrometendo. Eu também queria, né? *[Olha para a mesa.]* Depois que eu abortei aquele, eu fiquei achando que não ia poder ter mais nenhum. Eu queria um agora.

ELE: Ano que vem. Também, o ano já tá acabando. Passa rápido. *[Há uma pausa grande.]* Que foi? Ficou chateada?

ELA: Não. *[Amuada.]* É que eu quis ter aquele e cê achou que não dava. Aí eu tirei...

ELE: *[Interrompe, meio irritado.]* O que que você queria? A gente mal tinha acabado de casar e eu não tinha dinheiro. Você não trabalha...

ELA: Claro, você não deixa!...

ELE: Não precisa, eu trabalho, e agora tô ganhando melhor.

ELA: Então vamos ter o neném. Por que não?!

ELE: Porque eu já falei *[suspira; explica]* que este ano não dá. Tô com muita despesa. Ano que vem. Pô, não tem que ficar falando nisso.

ELA: *[Descruza os braços. Ereta.]* Tenho sim. Não foi você que abortou! Não faz nem ideia do que seja e fica aí falando preu ficar na minha. *[Vai se recostando outra vez e brinca com o copo sobre a mesa.]*

ELE: Ai, meu santo. Vai começar outra vez.

ELA: Tá bom. Eu fico quieta. Mas a Sueli tem razão.

ELE: Como é que é?

ELA: Nada. Eu tava só conversando com a Sueli e sabe como é que é, né?, a gente falou de marido e casamento e ela disse que o marido dela não deixa ela fazer nada, eu não falei nada, só ouvi, claro, né? Aí ela disse que homem é tão filho da..., quer dizer, é tão machista que a gente tem que implorar até pra ter filho.

ELE: Eu fico pau é quando você fica jogando conversa fora com essas piranhas aí do lado.

ELA: Não fala assim, que a Sueli não é piranha! É minha amiga.

ELE: Se fosse não ficava enchendo a tua cabeça com besteira e caraminhola. Ora, se ela tem problema com o marido, que resolva com ele.

ELA: Mas ela tava só me contando, é minha amiga.

ELE: Não tem nada que contar. E você ainda fica ouvindo e eu é que escuto depois. Qualquer hora eu vou ter uma conversinha com ela.

ELA: *[Amedrontada. Ereta.]* Não vai nada.

ELE: *[Ereto.]* Duvida?

ELA: Não, mas você não vai. Eu não quero.

ELE: Eu falo se eu quiser; e eu quero ver quem é que vai me proibir. *[Vai se recostando.]* Tá pensando o quê? Fica enchendo a cabeça da *minha* mulher com ideia boba e não quer que eu fale nada?

ELA: Não vai falar nada! *[Estende o braço sobre a mesa.]* Me dá a mão. *[Ele não dá.]* Me dá a mão, tô pedindo. *[Ele dá.]* Promete que não vai falar.

ELE: Ah, eu não vou prometer nada. *[Tira a mão e volta à antiga posição. Ela também se recosta e cruza os braços novamente.]* Essas piranhas ficam lendo coisa que não presta e depois querem fazer a cabeça da mulher dos outros. Se elas querem dar pra todo mundo, é problema delas.

ELA: Mas, meu Deus, ninguém tá falando de dar pra ninguém!

ELE: Não tá falando, mas tá pensando. Pensa que eu não saco isso de longe? Começa assim. Quando vê, tá falando de separação e amor livre. *[Puxa a pele de um olho, no gesto característico.]* Sô vivo. Vejo isso longe...

ELA: Não é nada disso. A gente tava só conversando. E eu só quero um filhinho. Não quero separação nem nada...

ELE: Ainda bem, se não... Olha, é bom que você nunca pense nessas coisa. Mato você e o filho da mãe junto.

ELA: *[Amuada.]* Não tô falando nada disso. Só quero o meu direito do meu filho.

ELE: Aguenta que ele vem. Cê acha que eu também não quero?

ELA: Não parece. *[Levanta-se.]* Eu vou lavar os pratos. *[Vai saindo.]*

ELE: *[Levanta-se pouquíssimo depois. Espreguiça-se.]* E eu vou ver tv.

Quarta Passada**Primeiro Casal**

[Quando as luzes se acendem, ambos estão lendo e assim permanecem por um ou dois minutos, sem nada falarem.]

ELE: *[Dobra o jornal e o põe na mesa.]* Bom. *[Boceja.]* Eu acho que vou dormir.

ELA: *[Para de ler, olha para ele.]* Vai se arrumando que eu já vou. Só vou ler esta página.

ELE: Tá. *[Boceja outra vez.]* Amanhã, então, eu falo com o Vinicinho. *[Pausa.]* E vejo a secretária. Pode deixar.

ELA: Não esquece. Me liga de manhã; estou na loja. Vai indo que eu vou logo depois. *[Volta a ler, mas já com o marcador na mão.]*

ELE: Não demora. *[Levanta-se.]*

ELA: *[Já absorvida pelo livro.]* Tá bem. *[Ele sai.]*

[A luz vai diminuindo gradativamente, até se apagar por completo.]

Segundo Casal

[Quando as luzes se acendem, ele está tocando e fazendo anotações e ela continua escrevendo; assim permanecem por um ou dois minutos, sem nada falarem.]

ELA: *[Pousa a prancheta no sofá.]* Chega. *[Boceja.]* Agora eu vou dormir. Você vem?

ELE: *[Sem interromper o que faz.]* Vou. Só vou acabar um compasso aqui.

ELA: Então eu vou indo e vou arrumando a cama. Não demora.

ELE: Já tô acabando.

ELA: Tá. Tô indo. *[Levanta-se e sai.]*

ELE: Vô logo atrás.

[Há uma pausa longa. Ele guarda o violão atrás do sofá, levanta-se e sai. As luzes começaram a diminuir gradativamente quando ela saiu e se apagarão por completo quando ele acabar de sair de cena.]

Terceiro Casal

[Quando as luzes se acendem, ele está lendo o jornal e ela uma revista. Durante um ou dois minutos, nenhuma palavra.]

ELE: *[Dobra o jornal.]* Eu vô dormir. *[Boceja.]* Tô cansado paca. Que dia!

ELA: Também já vô. A cama tá arrumada. *[Pausa.]*

ELE: Cê vai ficar aí?

ELA: Não, tô indo. *[Fecha a revista.]*

ELE: *[Levanta-se e vai saindo.]* Vô no banheiro e já vô deitar. *[Apanha a revista.]*

ELA: *[As luzes começam a diminuir.]* Tá, eu vô depois.

[Ele sai, ela se levanta, põe a revista sobre o jornal, dá um retoque na toalha - as luzes estão diminuindo gradativamente -, ajeita as cadeiras e sai. Sua saída coincide com o apagar definitivo das luzes.]

Rio, 1997.

FIM

Copyright

MAIS UMA VEZ

*(Para ser lida, sem o título, após a peça “Boa Noite”.)
(O palco está às escuras.) (Voz de homem.)*

Se ainda uma vez puder amar
serei feliz
Se ainda de sonho me vestir
foi porque quis
E entre cabelos e murmúrios
vem de flecha um amor
me atingir.

Pelo menos por favor
ou que seja por amor
Pelo menos de repente
 como em sonho
Ou até que se apresente
 enfadonho
Sempre espero o novo amor
jamais partir.

Devagar um vento leve
cor de prata
Com ciúmes de uma noite
tão pirata
São bem teus esses meus versos
 não importa, são de alguém
Se o amor fosse oração
 diria amém.

Olha, vê se arranja em algum lugar do coração
qualquer espaço pra guardar minha ilusão
Pois no meu porto, esse cais faz tanto frio
que viver a te esperar já se tornou um desvario.

Enquanto escrevo ouço esse som que me alucina
é tua voz, um não-sei-quê que me fascina
Mais uma vez deixo que a pena me adormeça
mais uma vez termino, reles, uma terça.

Rio, 1987.

BAR DA MADRUGADA

CENÁRIO

As mesas do bar já estão com as cadeiras sobre elas, como se faz na hora de fechar, exceto duas, situadas mais ou menos nos dois extremos de uma diagonal. Numa delas, localizada no canto mais escuro do palco, está um casal de namorados. Riem, beijam-se, olham-se, conversam; estão aparentemente apaixonados. Não participarão diretamente da ação. Na outra mesa, localizada no canto mais claro do palco, próximo da platéia, estão dois homens. Um deles sentado ereto, com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos cruzadas embaixo do queixo; o outro está recostado na cadeira, já meio deitado, uma mão no bolso da calça e a outra sobre a mesa, brincando com um copo de chope semi-cheio. Há uns oito a dez copos de chope vazios sobre a mesa.

Há também um garçom atrás do bar, limpando o balcão. Ele ficará durante toda a ação limpando ou arrumando algo, servirá as duas mesas ainda ocupadas e não demonstrará impaciência com os fregueses tardios, só um pouco de cansaço; afinal, são quase duas horas da madrugada de um sábado promissor. (Pode até haver um relógio de parede à vista, indicando a hora.)

Todos os três centros de ação deverão estar visíveis à platéia, sendo que a mesa com os dois homens deverá estar bem mais perto do público e sob maior iluminação que os outros dois pontos.

Para abrir a cena, as luzes vão se acendendo gradualmente até o máximo estabelecido e assim permanecerão até o final, quando, da mesma forma, irão diminuindo gradualmente até se apagarem por completo.

OS ATORES

Não estão bêbados; no máximo ligeiramente altos, visto que estão acostumados a beber. Os atores principais, da mesa junto à platéia, estão conversando apenas. O tom de voz jamais aumentará, exceto nos pontos onde indicado. O ator que começa recostado - será o Homem nº 1 -, embora tendo bebido bastante, não está alterado - simplesmente mais solto. Sua voz, porém, não sofre variações muito marcantes devido ao álcool: está perfeitamente consciente, embora solto. O que começa mais ereto na cadeira - será o Homem nº 2 -, está um pouco mais alterado, mas é quase imperceptível.

O garçom, durante *toda* a ação, passará pelas duas mesas, arrumará algo nas mesas em volta, perguntará se o casal quer mais alguma coisa, etc., além do que for especificado no texto. O casal está mais preocupado em se acarinhar. Uma risada ocasionalmente mais alta será apropriada.

O BAR

Decoração a critério do diretor. Um bar simples, como se fosse - não necessariamente - de subúrbio, mas espaçoso e acolhedor. Cores de madeira rústica, decoração discreta, mas existente. O local onde fica o garçom lembraria uma adega, com as garrafas viradas de cabeça para baixo, etc. O nome do bar, que dá nome à peça, aparecendo em meio à decoração, é opcional, contanto que não torne o cenário ridículo.

CENA

[Luzes aumentando de intensidade. Todos já estão em seus lugares.]

HOMEM Nº 1: Não sei, você é que tem que ver isso.

HOMEM Nº 2: É, cê tem razão; mas isso nem vem ao caso agora. Quando eu voltar das férias eu vejo. *[Pausa.]* É...

HOMEM Nº 1: É isso, negão... *[Acena para o garçom.]* E aí? *[Aponta o copo de chope pelo meio.]* Acabou a gasolina? *[O garçom não responde, mas trará outro copo. Ele beberá rápido o restante, ficando pronto para o outro copo. O amigo olha o vazio.]* É isso, camarada.

HOMEM Nº 2: Não vejo a hora da patroa voltar. Já vai pra duas semanas.

HOMEM Nº 1: Quer dar umazinha, né?!... Eu sei como é que é.

HOMEM Nº 2: Sabe porra nenhuma! Cê nunca nem foi casado...

HOMEM Nº 1: *[Sorri.]* É... Mas dá pra sentir. Imaginar. Sei lá.

HOMEM Nº 2: *[Sorri, também.]* Dá mesmo? *[Malicioso.]* Lembra de alguém?

HOMEM Nº 1: Não... Não necessariamente. Ou lembro. Sei lá. Com mais três chopes talvez eu lembre...

HOMEM Nº 2: *[Vai-se recostando. Gargalhada discreta.]* Ah, ah. Até imagino quem é...

HOMEM Nº 1: Acho que não, hein... Você não sabe de nada... *[Pausa.]* Aliás, cuidado, hein! Ela sozinha por lá, cheio de garotões no cio, gente jovem, tuas filhas dormem cedo. Sei não, te conheci mais macho...

HOMEM Nº 2: Não, ela é fiel. Pelo menos eu acho. E as crianças espantam qualquer um. *[Riem.]* Também se der pralguém, que queu vou fazer?

HOMEM Nº 1: É assim que começa o chifre; vai aceitando, quando vê é uma árvore! Mas não liga não: chifre, fusca e noivado, todo mundo tem um na vida. *[Riem de novo.]* Ela volta quando?

HOMEM Nº 2: Semana que vem. Pô, e a empregada aproveita que ela não tá, e esculhamba tudo. Eu vou fazer o quê? É amiga da sogra... Se eu falar, vai dizer que é pinimba. É uma merda. *[Pausa.]* Mas eu sinto falta. Ela é gente boa.

HOMEM Nº 1: É sim. Muito. Eu te contei que ela veio me perguntar por que é que eu não casava com a prima dela, não é? Aí eu falei que não... *[Olha o vazio, sério, sorri, alternando.]* Que ela não devia desejar isso pra prima, coisa e tal...

HOMEM Nº 2: Sacana; e ela?

HOMEM Nº 1: Nada. Acho que ficou meio com vergonha e desconversou. Mas ela falou sério; acho que ela acha que a gente se transa, sei lá. Deixa pra lá. Vai que eu sacaneio ela, pronto! É a tua família contra mim. E sozinho!

HOMEM Nº 2: Não tem nada a ver, mas você é que sabe. Ela tá. À disposição. *[Pausa.]* Você não sente falta?

HOMEM Nº 1: *[Encara o outro, sombrio.]* De quê?

HOMEM Nº 2: *[Encara o outro, também.]* Sei lá. De uma mulher, de uma companhia; de alguém. Numa boa, só perguntando.

HOMEM Nº 1: *[Olha o teto. Pausa. Olha o copo fixamente. Olha o vazio.]* De uma boa, sim. *[Riem.]* Mas sério, sinto. Mais da companhia do que da mulher. Quer dizer, não dá pra dizer: às vezes é mais da mulher. Sabe, uma trepada. Mas ficar sozinho é bom... Tem vantagem... Mas realmente, a solidão às vezes é meio braba. Mas não é nada que um copo de chope e um papo não curem. Acho melhor assim.

HOMEM Nº 2: É... *[Pausa.]* Eu acho que não conseguia viver sozinho...

HOMEM Nº 1: *[Calmo, sereno, faz um gesto de desistência.]* Eu não consigo entender essa paranóia que vocês têm de ficar sozinho. Pára com isso! É bom, rapaz. Às vezes, tá certo, faz falta. É chato. Mas é bom. É válido. Você fala com você mesmo, conversa, pensa. Dá esporro em você mesmo, tem liberdade. Fala sozinho, come sozinho, *[ênfase]* trepa sozinho... Não tem nada de mais. E quando a coisa aperta, há os amigos, os livros, o chope, a mulherada carente, sempre tem, o cinema... Não tem mistério.

HOMEM Nº 2: É, cada um tem um modo de pensar.

HOMEM Nº 1: E de viver.

HOMEM Nº 2: Só que livro não fala, chope não traz felicidade, mulherada carente não tá sempre à disposição e cinema custa caro. Sem contar a AIDS...

HOMEM Nº 1: Tem camisinha. E eu boto uma, duas ou três, depende do currículo da mulher. *[Riem alto.]* Mas eu discordo, é só uma questão de você se decidir a curtir os amigos, os livros, como se fossem pessoas. E os foras fazem parte da vida.

HOMEM Nº 2: Não, tudo bem. Eu até respeito. Mas tudo bem. Só que às vezes você tá meio pra baixo... Só isso.

HOMEM Nº 1: Ah, eu não esquento. Quando eu estiver pra baixo, eu vou comer uma panqueca lá da patroa, falô?

HOMEM Nº 2: Quando quiser. Vamos comer panqueca. Pra esquecer a solidão.

HOMEM Nº 1: *[Ergue o copo.]* E tomar chope. *[Fazem um brinde.]* À nossa. E à delas. *[Pausa. Bebem.]* Por falar nisso, lembra da Joana, aquela amiga da tua mulher?

HOMEM Nº 2: Claro que lembro. Muito gostosa!...

HOMEM Nº 1: Pois é. Saí com ela uma vez; muito interessante, inteligente. Agora vê só: é vidrada em Educação Física; queria trabalhar com crianças deficientes. E vai ser aeromoça! Nada contra a profissão, mas é um potencial desperdiçado. E sabe por quê? A família acha que Educação Física não dá dinheiro! E ela não vai fazer! Como é que pode?! Bom, mas foi uma pós-graduação no meu currículo: que gata! *[Pausa.]* Aliás, e as filiais?

HOMEM Nº 2: Parei. Acho que eu tô é ficando velho...

HOMEM Nº 1: Velho ou brocha?...

HOMEM Nº 2: Não... Sei lá... Não dá mais aquela vontade. Aquela necessidade. Isso é pra vocês que ainda tão com o gás...

HOMEM Nº 1: Gás? Só se for de botijão! Eu já tô é parando. É mesmo. Eu acho é que a auto-afirmação vai acabando... *[Pausa.]* Sabe, às vezes, eu vou te dizer, na boa, o que eu sinto falta mesmo é de estar apaixonado. Mas, pô, me apaixonar por quem? Não tem ninguém. À altura... *[Os dois riem.]* É sério, rapaz. Eu não vou me juntar com uma velha, as gatinhas não têm experiência, e as que poderiam dar certo já estão enroladas... E aí? Além disso, sou meio exigente, sabe, cabeça, cultura...

HOMEM Nº 2: Quem sabe aparece? E você exige demais... Você também não corre atrás!...

HOMEM Nº 1: Correr atrás? Eu? Não sou cavalo, nem quero nenhuma potranca. *[Pausa.]* Se quiser, eu tô aqui. Se não quiser, também tô. E tudo bem. *[Pausa.]* E também, amor não é muito bom, não. Dá trabalho, aporrinhção, ciúme, posse, responsabilidade. E cria dependência. É pior que cocaína. Aliás, amor é cultural. Acho que a gente acaba se convencendo de que ama pra tranquilizar a expectativa, a necessidade, a solidão, as pessoas. É mais fácil amar. Difícil é ver a mentira do amor. É bom, mas não é não.

HOMEM Nº 2: É bom, mas não é não. Gostei. *[Pausa.]* Sabe o que é que eu acho? Você quer gostar de alguém, mas ainda não encontrou. É isso?

HOMEM Nº 1: Falou o psicólogo. Talvez. *[Bebem.]* Porra, acho que tu quer é dar pra mim: tu tá é preocupado com a minha vida sexual, hein!

HOMEM Nº 2: Sexual, não. Isso é com as tuas galinhas aí! Posso até tá preocupado é com a tua vida *sentimental*. Qual é?

HOMEM Nº 1: Eu sei. Tô te sacaneando. *[Pausa.]* Hum, cê vê: tem gente pra tudo, né? Eu fui comprar um sapato e não achei o que eu queria. Aí a mulher da loja queria que eu comprasse um outro. Era barato, até. Só que, sei lá, não era muito legal. Aí ela perguntou se a minha esposa não ia gostar do que *ela* tinha escolhido...

HOMEM Nº 2: Ah, isso é cantada... Já te conheci mais macho...

HOMEM Nº 1: Podia até ser... Mas não, ela falou sério. Aí eu falei: “Por quê? Você acha que ela gostaria?” Aí ela falou: “Não, é só perguntando... Eu acho ele bonito, moderno.” Aí eu falei: “Deixa pra lá, eu volto depois.” E não é que ela ficou insistindo sobre a minha esposa? Minha esposa pra lá e pra cá... Querem me casar! Homem que não é garotão é casado. Se não for, é viado, ou então é muito complicado. Que estigma! Pô, que saco!

HOMEM Nº 2: Que saco, não; você é que é burro! Ela tava te cantando. Era bonita?

HOMEM Nº 1: Até era. Depois eu conversei um pouco com ela. Mas não dava, começou a falar de signo e disse que eu era parecido com um cara de uma novela aí...

HOMEM Nº 2: Que idade?

HOMEM Nº 1: Sei lá, uns cinquenta...

HOMEM Nº 2: *[Ri.]* Pô, é sério?

HOMEM Nº 1: *[Ri, também.]* É. Sério. Mas enxuta. Já pensou? Eu saindo com uma sapatista cinqüentenária? Porra, tem cada uma...

HOMEM Nº 2: É, ela tava na dela. E era *sapatista*, não era *sapatão*. *[Sorriem.]* Tava carente. *[Irônico.]* De um sapato mais novo.

HOMEM Nº 1: *[Ri.]* É, isso é sério. *[Olhando o vazio, sério.]* É a solidão, camarada. Tem gente que não sabe lidar com ela. Aí é foda.

HOMEM Nº 2: E tem gente que acha que sabe.

HOMEM Nº 1: E tem gente que acha que sabe porque morre de medo dela. *[Pausa curta.]* E se é indireta, eu visto a carapuça. Tenho medo, mas e daí? Vamos ver no que que dá. Tem que dar a volta por cima. Não pode é se deixar dominar.

HOMEM Nº 2: *[Olha o relógio.]* Daqui a pouco eu tenho que ir embora.

HOMEM Nº 1: É, eu também. *[Esfrega os olhos enquanto fala.]* Amanhã eu tenho que acordar cedo pra fazer ginástica.

HOMEM Nº 2: Ah, ficando esbelto, hein?! Não tô dizendo? Você quer é arrumar uma gatinha.

HOMEM Nº 1: Ué, até quero. Mas não é por isso...

HOMEM Nº 2: Tá bom. Me engana!

HOMEM Nº 1: Não... Deixa as gatinhas pros gatinhos. Eu já sou gatão. *[Riem.]* De telhado de zinco quente.

HOMEM Nº 2: De quê?

HOMEM Nº 1: Esquece, só lembrei de uma coisa.

HOMEM Nº 2: Cê tá é querendo brincar de gato e rato com alguém...

HOMEM Nº 1: *[Pausa.]* Quem sabe? Não... *[Pausa.]* Eu acho que já sou o rato. *[Pausa. Bate os olhos no casal da outra mesa.]* Como aqueles dois ali? *[Aponta com o queixo.]*

HOMEM Nº 2: *[Sorri.]* É. Exatamente. Eles tão apaixonados... Olha só. Só falta tirar a roupa e ir à luta. Olha lá!

HOMEM Nº 1: Deixa eles... Estão iludidos... É bom. A ilusão é a flor da vida. Ou deve ser, pelo menos. A ilusão do amor, então, nem se fala, deve ser a flor da alma...

HOMEM Nº 2: É boa, né? Tem uns espinhos...

HOMEM Nº 1: É só cortar os espinhos, que a ilusão vem limpinha e cheirosa.

HOMEM Nº 2: Olha só quem fala!... Filosofia, hein, camarada. Quem te viu...

HOMEM Nº 1: Não me vê. Nem nunca viu... *[Fica um pouco mais ereto na cadeira. Pouca coisa.]* Enfim, tudo é filosofia depois do quinto chope. Era você que dizia isso, nem vem.

HOMEM Nº 2: Nos velhos tempos era... *[Pausa longa. Como quem pensou na coisa durante muito tempo.]* Então... Como é que é?... O amor é cultural? Que porra é essa?

HOMEM Nº 1: Esquece, é uma teoria babaca minha. Encucações...

HOMEM Nº 2: Explica, pô.

HOMEM Nº 1: Não sei, é como eu vejo. Não sei se quem se ama, se ama mesmo.

HOMEM Nº 2: Bom, eu acho que eu amo a minha mulher.

HOMEM Nº 1: Olha, me desculpa, mas será que ama mesmo? Isso é sério, implica abdicar de tudo que a gente aprendeu, viveu, acreditou. É melhor você não pensar muito nisso agora. Pra você seria tarde. Ou não valeria a pena. Deixa isso pros solteiros. Pros poetas.

HOMEM Nº 2: Pô, você tem umas coisas estranhas. Mas o pior é que no fundo, sei lá, parece loucura mas não é. De repente até parece filosofia mesmo.

HOMEM Nº 1: É, mas eu acho que a filosofia mesmo é tomar chope. *[Pausa. Chama o garçom.]* Êi, amigo, *[aponta o copo]* som na caixa. *[O amigo faz sinal que também quer.]* Dois.

HOMEM Nº 2: *[Olha o casal.]* Pô, eu acho que eles vão trepar na mesa...

HOMEM Nº 1: *[Olha o casal, também, e volta a olhar para a mesa.]* Não, eles tão só é se curtindo. Masturbação emocional, só isso. Não olha, não. Você já foi assim. Eu também.

HOMEM Nº 2: Assim não!

HOMEM Nº 1: *[Irônico.]* Tá. Não foi não.

HOMEM Nº 2: Assim não. *[Pausa.]* Pior. *[Riem. O garçom traz os chopes.]*

GARÇOM: Só isso?

HOMEM Nº 1: Só, a gente já vai embora. *[O garçom sai. Eles brindam. O casal pede a conta.]* Tá vendo? Você falou tanto, que eles já vão embora.

HOMEM Nº 2: Sabe pra onde, né?

HOMEM Nº 1: *[Sorri.]* Não necessariamente.

HOMEM Nº 2: Lá vem você... Não necessariamente. Vão pra casa fazer homenagem telepática. Que conversinha baixo astral!

HOMEM Nº 1: É... É o dia. Tem dias em que as conversas ficam meio pra baixo. Sei lá, eu acho que falta motivação. *[O garçom leva a conta ao casal.]* Falta de saco. Mas é a vida. Mas de repente a gente só nota a vida quando está pra baixo. A vida é uma grande conversa monótona e fiada.

HOMEM Nº 2: De quem com quem?

HOMEM Nº 1: Sei lá. Aí me pegou. *[Pausa.]* Depende. Depende da pessoa. *[Aponta para o casal.]* Praqueles dois é uma conversa entre um e o outro. Pra nós já é entre a gente e a idade. Pra mim é entre mim e o barril de chope, ou entre mim e mim mesmo. Mas já foi entre mim e o mundo, entre mim e o dinheiro, entre o meu sapato e a rua, depende do momento de cada um.

HOMEM Nº 2: *[Sorri.]* E eu? Cê acha que eu converso com quem?

HOMEM Nº 1: Pergunta a você mesmo. No momento, acho que comigo. A não ser que eu seja uma miragem... *[O casal se levanta e sai.]*

HOMEM Nº 2: Que tal entre eu e minha patroa?

HOMEM Nº 1: Ou entre você e a falta dela. O principal é não deixar a conversa acabar. A fala da vida não pode emudecer. Falar sempre é o lema. Ou pelo menos deveria ser. Eu, por exemplo, me recuso a ficar mudo. O problema é que ninguém quer me ouvir neste bar, nesta cidade, neste país, não, neste mundo.

HOMEM Nº 2: É... Cê tem razão. *[Pausa.]* Mas às vezes é a vida que emudece.

HOMEM Nº 1: Será? Ou será que é a gente que faz com que ela cale a boca? Dá uma porrada nela e diz: “Não me venha com essas existencialidades!” Ou desiste de prestar atenção? *[Pausa.]* Não dá pra saber direito. *[Muda bruscamente de assunto.]* O que eu queria mesmo era ter um filho, investir no moleque, passar o que eu sei pra ele... Se não, eu aprendi essa porra toda pra nada!... Mas o preço é muito alto.

HOMEM Nº 2: E qual é o preço?

HOMEM Nº 1: A mulher que vem a tiracolo. *[Riem.]* Eu não agüentaria: todo dia a mesma coisa, divisão de coisas, preocupação com chifre, separação. Isola. *[Bate na mesa.]* Cê vai dormir, acorda, vira pro lado e pensa: “Pô, você de novo?” *[Chama o garçom.]* Alô, camarada, duas saideiras!

HOMEM Nº 2: Pô, às vezes eu te admiro. Onde é que você aprendeu essas coisas? *[O garçom traz os chopos.]*

HOMEM Nº 1: Isso não se aprende. É instinto. De sobrevivência. Sabe, tá tudo em volta da gente. É só abrir os olhos, ou os ouvidos, deixar as coisas incorporarem, *[faz o gesto espiritualista]* mas há que estar aberto. E tem mais: você diz que eu falo filosofia; tudo bem, mas isso é relativo. No fundo você é mais feliz. Mais leve.

HOMEM Nº 2: É, você pensa muito.

HOMEM Nº 1: Penso mesmo... *[Há uma pausa longa. Fica ereto na cadeira. O outro desliza ainda mais, quase se deitando.]* É melhor pedir a conta. *[O outro acena que sim.]* Alô! *[Faz o sinal ao garçom.]* Tô com sono.

HOMEM Nº 2: Eu também. A merda é que a patroa faz falta.

HOMEM Nº 1: Tá sentindo a solidão na pele, né?

HOMEM Nº 2: Mas é só passageira. Depois ela volta e fica tudo bem. *[Sorri.]* Mas você não.

HOMEM Nº 1: Não sei... Pode ser que você sinta solidão junto com a tua patroa, às vezes, e eu sozinho parece que estou cercado de gente. Depende do dia. Da hora. De você mesmo. Às vezes tenho que expulsar a multidão da minha cabeça. Há vezes em que fazem festa, enterro, show...

HOMEM Nº 2: Desisto. Não dá pra argumentar. Você quer sempre me convencer do contrário do que eu digo...

HOMEM Nº 1: Que isso! Tô só pensando. E o pensamento pode ser a melhor das companhias. *[Pausa.]* Ou a pior... *[O garçom traz a conta.]* É minha.

HOMEM Nº 2: *[Agarra a conta.]* Nada disso. Depois de toda essa filosofia de graça, eu tenho até que te pagar. *[Tira dinheiro do bolso.]* Mas eu ainda acho que você tinha que se apaixonar.

HOMEM Nº 1: E depois sou eu que quero te convencer do contrário do que você pensa, hein... Já sou apaixonado por mim. Pela poesia. Pela vida, pela observação da vida. Adoro observar as pessoas, os gestos...

HOMEM Nº 2: *[Chama o garçom.]* Alô! *[O garçom vem e pega o dinheiro. Agradece, conta e volta para o bar.]* Não. Sem convencer. Só falando como amigo... Eu acho assim: você precisa se apaixonar.

HOMEM Nº 1: Porra, mas eu falei isso desde o início! Cê não entendeu nada... *[Pausa.]* É isso: olha, sabe o que mais? Eu também acho! *[Riem.]* E quanto à filosofia, *[levanta-se, apoiado na mesa]* isso é muito relativo. Depende de quem fala, de quem ouve... *[Fica de pé, em atitude professoral e o outro permanece sentado, atento, mas contrafeito.]* É uma questão de cibernética, ou de hermenêutica, *[dança, imitando]* de samba, ou *[imita um guitarrista de rock]* rock 'n roll. *[Olha o garçom, que limpa o balcão.]* Ô garçom, limpa isso direito. *[O garçom ri.]* *[Declamando.]* Que nunca falem os livros, a música e as mulheres! E que nunca falte o dinheiro pra comprar o amor dos casamentos. Amar é não ter objetivos mais elevados na vida, disse o poeta bêbado ao se lembrar da mulher que o abandonou, *[imita alguém chorando]* por um outro homem que sabia soltar pipa. *[Abre os braços, como o Corcovado.]* *[Solene.]* Oh, senhor, dos céus, da terra e do carrossel humano: abençoa os cegos de coração e o babaca aqui do meu amigo também, ele merece, e se der, me abençoa também... Meus pecados serão redimidos na medida de meus esforços. *[O garçom se aproxima e ri com o outro homem, que não mais está contrafeito.]* Eu quero ser garçom. Deus, abençoa o garçom, também é gente. Proteja com suas asas milionárias os pobres de espírito, os que têm ejaculação precoce, os políticos hipócritas - todos eles -, e as mulheres que gozam quatro vezes, mesmo que não tenha sido nenhuma... *[O garçom volta a seu lugar, rindo.]* E já que a distinta audiência se retira... *[Cantarolando com a melodia de Chico Buarque.]* “Amanhã, será outro dia.../Tomara que sem azia...”

HOMEM Nº 2: Vão bora, vai dormir... *[Levanta-se.]*

HOMEM Nº 1: Mas e aquele teu emprego? Que o cara te ofereceu?

HOMEM Nº 2: Ainda não fui ver, acho que é furada...

[Saem conversando, mas já é ininteligível para a platéia. Dão adeus ao garçom, que responde. O garçom continua lavando copos, ou outra coisa qualquer. As luzes começam a se apagar.]

Rio, 1988.

O FIM

(Para ser lida, sem o título, após a peça “Bar da Madrugada”.)

(O palco está às escuras.) (Voz de mulher.)

(Após a leitura, as luzes se acendem, indicando o fim do espetáculo.)

Pois o amor não se fala
Não se conta, não se escreve
O amor é isso
É ficar faltando alguma coisa
O amor é o fim
E o fim é assim.

Rio, 1988.

terminou o espetáculo

Copyright